

**PROGRAMMA –
PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO
EM PORTUGUÊS EUROPEU**

MARIA TERESA BROCARDI

CLARA NUNES CORREIA

MARIA DO CÉU CAETANO

SUSANA COSTA PEREIRA

MANUEL LUÍS COSTA

(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa)

ABSTRACT: This article presents the research strategy for the ProGramma group of the Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. The ProGramma project aims to study several aspects of European Portuguese grammar from the perspective of the theoretical framework of grammaticalization. Grammaticalization research claims to unify linguistic phenomena occurring in different linguistic levels. Moreover, it has motivated in the last decade a wealth of discussion surrounding a number of theoretical and methodological issues, thus providing an adequate context for the development of the study of different processes – morphological, syntactic, semantic – both from a synchronic and diachronic perspective. In this article, we will present an overview of the theoretical background and main research topics, and will briefly describe some selected case studies.

KEYWORDS: grammaticalization; lexicalization; continuity; discreteness; light verbs; definiteness; tense; aspect; modality; prepositions.

O conceito de gramaticalização tem, nas últimas décadas, sido objecto de inúmeras propostas de desenvolvimento teórico e discussão, constituindo actualmente uma área de estudos em linguística diacrónica e sincrónica particularmente produtiva, o que decorre da diversidade e riqueza das diferentes contribuições, não só da parte de autores que têm defendido a adequação do conceito para uma melhor compreensão do funcionamento e evolução das línguas humanas (entre os quais Bernd Heine, Elisabeth Traugott, Christian Lehmann, Paul J. Hopper, Martin Haspelmath) mas também dos seus críticos (como Lyle Campbell, Richard D. Janda, Brian D. Joseph, Frederick J. Newmeyer). Na verdade, como (quase) sempre acontece com o desenvolvimento de propostas teóricas pretensamente abrangentes, o trabalho dos críticos acaba por contribuir decisivamente para a constante revisão e afinamento

dos pressupostos teóricos que suportam uma dada proposta, obrigando à consideração de conjuntos mais alargados de dados e de diferentes perspectivas da sua análise, num percurso que é essencial para o desenvolvimento de trabalho que se pretende científico. Sublinhe-se, pois, como particularmente positiva, a contribuição dos críticos da gramaticalização, dada a atenção minuciosa de que têm sido objecto os seus trabalhos por parte dos autores de referência na área (v., por exemplo, Traugott 2001, Heine 2003, Lehmann 2004).

Tratando-se de um conceito que se pretende transversal por excelência em termos de níveis de análise linguística, e dada a discussão aprofundada que tem suscitado em torno de diversos aspectos teóricos e metodológicos, a gramaticalização propicia, à partida, um enquadramento que é simultaneamente unificador e diversificado para a exploração de vários processos – morfológicos, sintácticos, semânticos – sincrónicos e diacrónicos do português.

A discussão que se estabelece na análise linguística actual à volta dos processos de gramaticalização desencadeou, assim, a concepção de um projecto de investigação que, cobrindo várias áreas de estudo, pretende dar conta de fenómenos que julgamos relevantes para a compreensão/explicação da gramática do português europeu (PE). Pretendendo relacionar e complementar as perspectivas sincrónica e diacrónica, partir-se-á de descrições rigorosas de dados observáveis em sincronia, bem como da exploração linguística de fontes seleccionadas em função da sua fiabilidade para a recuperação de dados da diacronia.

O estudo da predicação complexa, a análise das marcas de determinação nominal, as particularidades dos tempos gramaticais, o funcionamento das preposições, a caracterização de processos morfológicos afixos, entre outros, são alguns dos temas que os diferentes investigadores do ProGamma contam desenvolver no âmbito deste projecto.

A investigação partirá da análise crítica e selecção de abordagens avançadas por autores de referência na área, visando desenvolver propostas de tratamento de diferentes aspectos do PE, eventualmente enquadrando a sua abordagem em âmbitos mais gerais (e.g., domínio românico) e /ou em perspectivas contrastivas.

Apresentaremos em seguida uma enumeração dos temas a desenvolver no âmbito do projecto ProGamma, incluindo uma descrição muito breve e geral de cada um deles.

1. Gramaticalização: processos contínuos ou processos discretos?

Assumindo, de acordo com Hopper & Traugott (2003) e Heine (2003), entre outros, que os processos de gramaticalização não se realizam de forma brusca, mas antes gradualmente ('step by step'), discutem-se neste projecto duas vertentes possíveis de encarar os processos de gramaticalização nas línguas:

a) A gramaticalização pode ser direccionada, em termos diacrónicos, para uma análise de formas que, perdendo o seu conteúdo semântico, ganham um estatuto de forma gramatical. Nestes casos, e de acordo com Heine (2003: 588-591), poder-se-á encontrar três mecanismos reguladores de gramaticalização: ‘bleaching’, ‘loss and gain’ e ‘implicature’. É pacífico, para qualquer um dos casos, assumir-se que um mesmo termo, num dado momento, pode manter os valores lexicais que o definiam inicialmente com os novos valores que ganha num dado momento.

b) Sincronicamente os processos de gramaticalização podem ser encarados tendo em conta a coexistência de valores (mais ou menos lexicais ou mais ou menos gramaticais), gerando-se formas (ou construções) entendidas como polissémicas. Assim, para a análise que nos propomos desenvolver, ter-se-á em conta todos os factores que permitem estabelecer critérios para que um dado termo (ou construção) possa ser entendido como mais ou menos gramaticalizado. Como se verá mais à frente, esta hipótese é sobretudo relevante na discussão/explicação dos valores dos determinantes em PE contemporâneo, ou nos valores direccionais *versus* valores conjuncionais de algumas preposições (ex: *para*).

Não sendo previsível a disponibilidade para a existência ou não existência de fenómenos de gramaticalização num termo ou numa construção, uma das questões relevantes é a discussão à volta da discretização *versus* continuidade destes processos. Assim, a questão central para a discussão da gramaticalização poder-se-á centrar na sua definição: se um processo de gramaticalização se define pela perda (pelo menos parcial) de um valor lexical e dessemantização desse termo, com a obtenção de um novo valor gramatical, o valor desse novo termo é ‘contínuo’ em relação ao primeiro, ou existe um corte epistemológico em relação ao valor de origem?

De acordo com Langacker (1994: 9), define-se que “A continuous parameter has the property that, between any two values (however close), an intermediate value can always be found. There are no ‘gaps’ along the parameter, nor any specific values linked in relationships of immediate succession. By contrast, discreteness implies a direct ‘jump’ between two distinct values, one of which is nonetheless the immediate successor of the other.” Esta evidência conceptual da natureza contínua das línguas pode, aparentemente, ser contrariada pela análise linguística. Refiram-se (a título de exemplo) as questões inerentes ao princípio da composicionalidade da categoria aspecto, ou, segundo certas hipóteses teóricas que definem (e isolam) as diferentes classes de palavras numa dada língua: “I believe, moreover, that certain linguistic phenomena often thought of as forming a continuum are better analyzed in terms of multiple discrete factors that intersect to yield a finely articulated range of possibilities.” (Langacker 1994: 10). No seguimento deste autor, poderemos encontrar, entre outros, Fuchs (1994) e Picoche (1994), por exemplo, que mostram no domínio da semântica que existe uma complementaridade entre ‘discretização’ e ‘continuidade’, nomeadamente na análise de termos polissémicos (cf. a análise de *marcher*, em francês, proposta por Picoche 1994: 77-91).

Caber-nos-á neste projecto discutir e apresentar argumentos que estabeleçam conceptualmente os processos de gramaticalização como processos parametrizáveis (logo, contínuos), ou como processos ‘locais’, logo discretos.

2. Gramaticalização e lexicalização: coexistência de processos diferenciados

Por comparação com a gramaticalização, a lexicalização tem sido muito menos estudada e, por isso, trata-se de um conceito ainda algo impreciso, sendo definido por vezes de forma contraditória e recebendo várias designações: petrificação, ossificação, fossilização, idiomatização, congelação, etc. (cf. Bauer, 1983: 48). Como se sabe, os primeiros trabalhos teóricos sobre formação de palavras (cf., por exemplo, Marchand 1960) conferiram pouca importância ao processo da lexicalização, questão que só mais recentemente começou a ser debatida (cf., por exemplo, Bauer 1983: 42-61), embora não com a exaustividade desejável. Apesar de tudo, parece haver hoje alguma concordância relativamente ao facto de a gramaticalização e a lexicalização serem processos diferenciados e não processos opostos. Ambas são apontadas enquanto processos complementares que partilham (muito genericamente) o facto de afectarem a autonomia e estatuto dos elementos dentro das formas e construções em que ocorrem.

Ultrapassa-se, assim, a imagem em espelho que até há relativamente pouco tempo era usada por alguns para opor os processos da gramaticalização e da lexicalização, deixando de se encarar estas como o reverso uma da outra. Segundo Brinton & Traugott (2005), o reverso da lexicalização, embora os exemplos sejam (supostamente) raros, não é uma mudança de ‘lexical’ para ‘gramatical’ mas um aumento de composicionalidade formal e semântica, que define a chamada etimologia popular, em que um item lexical que se tornou opaco para os falantes é reanalisado e se lhe atribui uma estrutura morfológica que até aí não possuía, tornando-o transparente. O reverso da gramaticalização (que, a verificar-se, constituiria um processo de ‘desgramaticalização’) também não pode ser encarado como lexicalização, na medida em que só desencadeia mudanças no *continuum* do ‘gramatical’, tendo como resultado um aumento de autonomia (por ex. a passagem de morfemas flexionais a clíticos, ou de clíticos a palavras funcionais).

Na concepção de alguns autores (cf. por exemplo, Lehmann 2002), a lexicalização é um processo em que um item se torna lexical, i.e., em que começa a fazer parte do inventário lexical de uma dada língua. Noutra acepção, muito comum entre morfólogos, a lexicalização ocorre quando uma forma já não pode ser descrita de acordo com as regras regulares, como aparece, por exemplo, em Bauer (1983: 48), o qual considera que a lexicalização é o estágio em que “a lexeme has, or takes on, a form which it could not have if it had arisen by the application of productive rules”. Nesta segunda acepção, portanto, a lexicalização é tida como o resultado de uma mudança linguística e não como uma mudança em si mesma.

Independentemente da abordagem seguida (sincrónica ou diacrónica), de entre os aspectos caracterizadores da lexicalização, quer os morfólogos quer os linguistas históricos apontam recorrentemente a forte tendência da lexicalização para a perda de produtividade e o conseqüente idiossincrasismo, aspectos que são muitas vezes referidos para evidenciar algumas diferenças entre lexicalização e gramaticalização, na medida em que esta desencadeia o aumento de produtividade e os seus padrões tendem a ser repetidos translinguisticamente.

Como se procura mostrar em Caetano (2003), a lexicalização decorre da falta de transparência, não estando, porém, obrigatoriamente relacionada com a produtividade ou improdutividade de um determinado processo ou afixo. Por exemplo, o processo de formação de nomes em *-dura* a partir de temas verbais deixou de estar disponível mas, devido à transparência (formal e semântica) dos produtos resultantes deste processo, as formas em *-dura*, como por exemplo, *cozedura*, *polidura* e *soldadura*, poderão ser classificadas como derivados, designando ‘acção ou resultado da acção’. Por outro lado, palavras como *fechadura*, *ligadura*, *rachadura*, em que supostamente, da acepção original de ‘acção ou resultado da acção’, teria havido uma passagem a [-abstracto] por um processo de lexicalização, sendo interpretadas como ‘que serve para (acção designada por V)’, não sofreram qualquer processo de lexicalização, pois nomes deste tipo são [-abstractos] desde que foram formados (há atestação de formas com esta acepção em português, pelo menos desde o século XIV). Acresce ainda o facto de termos palavras formadas a partir de sufixos produtivos, como *-ção* e *-aria*, que necessitam de uma especificação semântica. Veja-se, por exemplo, *embarcação*, *guarnição* e *tripulação*, derivados que, para além de indicarem o ‘acto ou efeito de *embarcar*, *guarnir* e *tripular*’, designam, simultaneamente, ‘barco’; ‘adorno’ / ‘força militar’ / ‘o que acompanha qualquer prato numa refeição’ / ‘tripulação de um navio’ e ‘conjunto de pessoas que prestam serviço num navio ou avião’, casos em que os nomes derivados são [-abstractos], coexistindo, portanto, com nomes derivados [+abstractos]. Ou, ainda, *frontaria*, que em português medieval indica lugar (‘frente da batalha’) e que, mais tarde, ao passar a designar ‘fachada principal’, deixou de ser composicional.

No âmbito do projecto ProGramma, na temática da lexicalização, privilegiar-se-á a análise de casos como os anteriormente indicados, procurando-se determinar se os produtos resultantes de um processo improdutivo estarão ou não obrigatoriamente armazenados no léxico e tentando aferir-se, tanto quanto possível, quais os factores que contribuem para a perda de composicionalidade de certas estruturas morfológicas.

3. Casos de estudo

3.1. Particularidades da predicação complexa em PE: verbos ple-nos/verbos leves e expressões fixas

Na sequência de trabalhos anteriores (Correia & Campos 2004; Correia 2004; Brocardo & Correia 2005; Correia 2006; Brocardo 2006), pretende-se

desenvolver estudos sobre diferentes construções em que ocorrem verbos com um funcionamento caracterizável como ‘leve’ ou de ‘suporte’.

A investigação a realizar no âmbito do ProGamma visa alargar e aprofundar a descrição de verbos como *dar*, *fazer*, *ter* em predicados complexos e em expressões fixas. Numa das vertentes do tratamento desta temática, pretende-se explorar propostas que prevêm a unificação da análise destes verbos quer como verbos plenos quer como verbos leves e ainda em expressões fixas, com base na noção de forma esquemática (v. Robert 2003) como exemplo de uma proposta de abordagem sincrónica no âmbito da gramaticalização) ou de ‘force dynamic’, de acordo com Brugman (2001: 558).

Quer o conceito de forma esquemática, quer o conceito de ‘force dynamic’ prevêm que a relação que se estabelece entre verbos plenos e verbos leves assenta numa estabilidade unificadora que permite relacionar propriedades e valores nos diferentes ‘usos’ desses verbos.

A descrição e análise de dados do português relativos a diferentes períodos da sua história pretende aferir o percurso diacrónico destes verbos, nomeadamente assinalando continuidades / mudanças observáveis neste tipo de funcionamento. Como hipóteses a explorar nesta vertente da investigação, mencionem-se, por exemplo, as generalizações avançadas por Butt (2003) e Butt & Lahiri (2002) sobre o comportamento, em diacronia, de predicados complexos. O trabalho a desenvolver visa também explorar a possível articulação entre o funcionamento e respectiva evolução de verbos como os referidos em predicados complexos e outros aspectos da sua história, tradicionalmente mais explorados em história da língua portuguesa. Cite-se, a título exemplificativo, a progressiva substituição de *haver* por *ter* como verbos principais e a sua concorrência na construção de sequências verbais sintáctica e / ou semanticamente diferenciadas (construções resultativas, tempos compostos).

A descrição a realizar pretende ainda validar a hipótese que defende que não existe qualquer processo de gramaticalização na passagem de verbo pleno a verbo leve, mas deformabilidades reguladas pelas construções em que esses verbos ocorrem.

3.2. Determinação nominal: a definitude e o paradoxo das línguas românicas

Na literatura é definido como um paradoxo das línguas românicas o facto verificável de, apesar de todas as línguas românicas conterem marcas específicas de determinantes (artigos definidos e artigos indefinidos), o latim se caracterizar morfologicamente por apresentar um sistema destituído de marcadores específicos de definitude. Esta constatação, algo superficial, pode apontar para duas hipóteses na análise da determinação das línguas românicas: a necessidade de se demonstrar como os demonstrativos latinos *ipse* e *ille* se vão expandir para se tornarem marcas de definitude nas diferentes línguas românicas (hipótese defendida por Lyons 1999: 334 e seguintes) ou, inversamente, verificar que na análise semântica dos determinantes artigos definidos das diferentes línguas românicas existem valores

que podem ser recuperados a partir dos valores manifestados pelos demonstrativos latinos que os originam.

Se se optar pela primeira hipótese, estaremos a seguir o percurso previsto nos trabalhos desenvolvidos no âmbito da gramaticalização: um demonstrativo tem um valor mais referencial, porque deíctico, do que um artigo definido.

Mas se, inversamente, descrevermos os diferentes valores do determinante artigo definido, em qualquer sincronia, verificaremos que ele é marcador de valores que o identificam referencialmente com o valor dos demonstrativos (sendo esta uma das razões porque, em PE contemporâneo, por exemplo, a coocorrência de determinantes demonstrativos e de artigos obriga a uma distribuição complementar dessas formas). Seguindo este percurso, dificilmente se poderá defender que a gramaticalização é a solução mais óbvia para defender e explicar a razão pela qual, nas línguas românicas, existe uma sobreposição de valores atribuídos a marcadores diferenciados. Em termos gerais poder-se-á sempre defender que não existe qualquer relação biunívoca entre formas linguísticas e as operações que lhe são subjacentes: uma mesma forma pode ser marcadora de operações diferentes, uma mesma operação cognitiva pode ter marcadores linguísticos diferenciados. Assumindo esta opção, será preciso, no entanto, demonstrar quais as fronteiras que permitem que seja possível identificar alguns dos valores dos determinantes demonstrativos com os dos artigos definidos (valores de identificação referencial ou de retoma anafórica quando existe correferencialidade entre o termo antecedente e o termo anafórico). Por outro lado, existem valores referenciais inerentes ao determinante artigo definido, como o valor de totalização (em frases genéricas), ou com valor de retoma anafórica se os dois termos não são correferentes.

3.3. ‘Tempos’ gramaticais e (re)construção do tempo

Os ‘tempos’ gramaticais constituem um tópico recorrente nos estudos diacrónicos sobre o português. Neste âmbito, construções como o futuro sintético ou os tempos compostos são alvo de análises que, de forma mais ou menos assumida, se apoiam em princípios definidos pela teoria da gramaticalização.

A título de exemplo, na diferenciação entre a construção de tempo composto e a construção resultativa, critérios morfo-sintácticos, como a ordem de palavras ou a concordância entre o particípio passado e o objecto directo, são tradicionalmente aceites como indicadores de uma maior ou menor gramaticalização dos verbos *haver* e *ter*, na sua passagem de verbos plenos a verbos auxiliares.

No estudo dos tempos compostos nas línguas românicas foi amplamente difundida a ideia de que a existência de concordância entre o particípio passado e o objecto directo exclui a possibilidade de se tratar de um tempo composto, uma vez que a perífrase não é ainda gramaticalizada (Loporcaro 1998).

No entanto, como referem diversos autores (Harre 1991, Ribeiro 1996, Loporcaro 1998, Mato 2000) este tipo de abordagem, assente em critérios

formais, revela-se insuficiente para a análise destas construções. Com efeito, uma análise baseada em contrastes temporais e aspectuais, sobre a estrutura *ter/haver* + particípio passado em textos do século XIII, permitiu concluir que “(...) a mudança semântica de valores aspectuais / temporais terá precedido a alteração dos traços morfo-sintácticos na construção de tempo composto.” (Cardoso & Pereira 2003: 175), demonstrando que os verbos *ter* e *haver* ocorrem, nestes textos, em construções de tempo composto. O tratamento do surgimento dos tempos compostos em diacronia beneficia, deste modo, do confronto entre as concepções canónicas da gramaticalização e uma abordagem semântica dos dados.

Uma das vertentes da investigação a realizar no âmbito do ProGamma visa aprofundar, aliando a perspectiva diacrónica e a análise semântica, a descrição contrastiva dos verbos *haver*, *ter* e *ser*, tendo em conta o seu funcionamento como verbos plenos e como verbos auxiliares. Um dos objectivos da análise destes verbos, para além da correlação com temáticas conexas definidas neste projecto, será explorar dados do português antigo e médio que forneçam evidência de que o funcionamento dos verbos auxiliares se correlaciona com a transitividade do verbo principal, verificando-se uma distribuição diferenciada dos auxiliares com verbos intransitivos, inacusativos e transitivos.

Noutra vertente da investigação, especificamente sobre o Pretérito Perfeito Composto, a análise comparativa de dados diacrónicos e sincrónicos será efectuada no sentido de clarificar os valores atribuídos, ao longo do tempo, a esta construção, procurando definir, se os dados o permitirem, momentos de transição. Entre o valor primitivo da construção latina formalmente equivalente (particípio passado + *habere*) ao actual pretérito perfeito composto em PE, em que, pelo menos em certos usos, *habere* conservava originalmente um valor de posse (cf. Hermann 2000: 77-78) e a variedade de usos que essa construção assume na actualidade, tentar-se-á definir os diferentes valores desencadeados com recurso a dados escritos, nomeadamente a partir de textos medievais portugueses, onde a oscilação de valores associados a esta construção parece ser uma constatação.

Ainda no âmbito dos estudos sobre os ‘tempos’ gramaticais, partir-se-á da articulação de análises de dados sincrónicos e diacrónicos relativos ao futuro sintético e a outras formas e construções que com ele concorrem, em sincronia e diacronicamente, na expressão de diferentes valores.

Numa perspectiva diacrónica, a formação do futuro sintético, normalmente designado ‘românico’, é frequentemente citada como exemplo, já clássico, de processo de gramaticalização (v., por exemplo, Lehmann 2004: 159). Mas um tratamento linguístico integrador do funcionamento dos ‘tempos’ gramaticais deverá, naturalmente, dar conta também das diferentes possibilidades do seu funcionamento tendo em conta os valores temporais, modais ou aspectuais que evidenciam em diferentes construções.

Percorrendo criticamente generalizações avançadas em diferentes abordagens, mais tradicionais ou pretensamente mais inovadoras, o trabalho a desenvolver explorará a noção de gramaticalização, aferindo a sua adequa-

ção para um tratamento que englobe as possibilidades de ocorrência, num mesmo estado de língua e em diferentes sincronias, de formas de futuro sintético e de outras formas e construções (presente, futuro perifrástico) para a marcação de valores de tempo, aspecto e modalidade. Tendo em vista este objectivo, que se enquadra no objectivo mais geral do projecto ProGamma de interligar as perspectivas sincrónica e diacrónica na análise de formas e estruturas linguísticas, será particularmente relevante a recuperação e descrição de dados de fases passadas da história do português, a contrastar com análises de dados de variedades do português actual e de outras línguas românicas.

A análise que nos propomos realizar poderá mostrar que o futuro sintético, mais do que um marcador temporal, é um marcador modal, procurando-se entender esta hipótese como validável a partir dos dados que, em diferentes sincronias, puderem ser observados.

A verificar-se, esta hipótese permitirá, tal como Dahl (1985: 102) propõe, considerar as diferentes construções de futuro, e sobretudo as formas de futuro sintético em PE como marcadores de modalidade: “a sentence which refers to the future will almost always differ also modally from a sentence with non-future time reference. This is the reason why the distinction between tense and mood blurred when it comes to the future”. Tendo em conta as descrições presentes em diferentes trabalhos de linguística sobre o PE (cf. Oliveira 2003, Campos 1998, entre outros), propomo-nos neste projecto contribuir para uma descrição fina da sobreposição destas duas categorias gramaticais, recorrendo naturalmente às hipóteses levantadas no âmbito da gramaticalização (cf., entre outros, Lehmann 2004 e Traugott 2003).

3.4. Preposições

Em muitas línguas, entre as quais o PE, determinadas preposições caracterizam-se pela possibilidade de descrever quer relações espaciais, quer relações temporais, quer ainda relações abstractas ou nocionais (Pottier 1962, Jackendoff 1983, Cadiot 1997, entre outros).

Uma das explicações mais generalizadas para os paralelismos ‘espaço-tempo-noção’ é a teoria da metáfora (Metaphoric Mapping Theorie) – cf., entre outros, Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991), Heine & Kuteva (2002), Lakoff & Johnson (1999). De acordo com estes autores, a metáfora não é apenas um mecanismo retórico, mas um instrumento computacional poderoso, na medida em que contribui para a cognição humana, ao permitir que diferentes estruturas sejam identificadas em diferentes domínios conceptuais.

Os dados que sustentam esta teoria têm beneficiado da investigação desenvolvida em diacronia, particularmente no que respeita à mudança semântica que ocorre nas línguas. O estudo de Haspelmath (1997), por exemplo, permite sustentar que os valores espaciais das preposições, cronologicamente, ocorrem em primeiro lugar. Os outros valores (temporais, por exemplo) vão surgindo gradualmente por processos de extensão semântica, ou seja, os valores temporais desenvolvem-se historicamente a partir dos

valores espaciais (cf. também Heine et al. 1991, Heine & Kuteva 2002, Hopper & Traugott 2003).

Os resultados destes estudos, na pista, aliás, da hipótese locativa, têm levado alguns autores a postular o primado das relações espaciais. Esta hipótese tem, no entanto, merecido a crítica de diferentes autores (entre outros, Cadiot & Visetti (2001), Paillard (2001)). Alguns estudos na área da neuropsicologia têm permitido demonstrar que a metáfora ‘tempo é espaço’ não desempenha necessariamente um papel importante no processamento dos valores das preposições (Kemmerer 2005).

Na investigação sobre as preposições do PE *a, até, para e com*, a perspectiva que se pretende implementar difere da apresentada anteriormente. Por um lado, o estudo a desenvolver tem carácter sincrónico. Por outro lado, é discutida a consideração dos valores espaciais como primitivos.

Como é sabido, as preposições espaciais representam valores que remetem para uma topologia abstracta, associada a diferentes entidades geométricas (plano, ponto, linha, volume e posições). Tradicionalmente, associam-se ainda essas preposições a valores de natureza dinâmica como sejam a orientação, o movimento, a trajectória e a relação ‘landmark/trajector’. Para além destas questões, interessa também à investigação estudar as dimensões qualitativa e aspectual das preposições.

Interessa, por conseguinte, determinar quais os mecanismos que explicam que uma forma marque diferentes valores e/ou corresponda a categorias morfossintácticas diferentes (preposição, complementador ou conjunção).

A relação entre a variação e a invariância ocupa, deste modo, um lugar central na investigação a desenvolver. Nessa perspectiva, recorrer-se-á às propostas de Culioli (1990), assumindo que a cada marcador linguístico corresponderá uma representação formal a que se dá o nome de forma esquemática, enquanto pólo regulador da variação. Ou seja, interessa-nos a estabilidade e a deformabilidade dos objectos considerados no âmbito de relações dinâmicas.

Neste sentido, ao defender que a gramática não constitui um sistema fechado de propriedades formais, mas antes um sistema emergente através da actividade dialógica, no qual o falante molda constantemente as formas linguísticas para as adequar às suas necessidades e intenções, o conceito de gramática emergente proposto por Hopper (1998, 2002), será também objecto de discussão.

Referências

- Bauer, Laurie 1983. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press
- Bauer, Laurie 2001. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press
- Brinton, Laurel J. & Elizabeth C. Traugott 2005. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press
- Brocardo, Maria Teresa 2006. *Haver e ter em português medieval*. Dados de textos dos séculos XIV e XV. *Revue de Linguistique Romane* 70, pp. 95-122
- Brocardo, Maria Teresa & Clara Nunes Correia 2005. *Ter paz e fazer guerra – aspectos sincrónicos e diacrónicos de predicados complexos*. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* 16, pp. 25-35
- Brugman, Claudia 2001 Light verbs and polysemy. *Language Sciences* 23, pp. 551-578
- Butt, Miriam 2003. The Light Verb Jungle. *Harvard Working Papers in Linguistics* 9, pp. 1-49
- Butt, Miriam & Aditi Lahiri 2002. Historical Stability versus Historical Change. <http://ling.uni-konstanz.de/pages/home/butt/stability.pdf>
- Cadiot, Pierre 1997. *Les prépositions abstraites en français*. Paris: Armand Colin
- Cadiot, Pierre & Yves-Marie Visetti 2001. *Pour une théorie des formes sémantiques. Motifs, profiles, themes*. Paris: PUF
- Caetano, Maria do Céu 2003. *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa
- Campos, Maria Henriqueta Costa 1998. *Dever e Poder: um subsistema modal do Português*. Lisboa: FCG-JNICT
- Cardoso, Adriana & Susana Pereira 2003. Contributos para a emergência do tempo composto em português. *Revista da ABRALIN*, vol. II, nº 2, pp. 159-181
- Correia, Clara Nunes 2004. Os nomes e os verbos suporte. In Freitas, T. & A. Mendes (eds.) *Actas do XIX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri, pp. 195-202
- Correia, Clara Nunes 2006. Para uma análise semântica dos verbos suporte em português europeu. In *VII Congrès de Linguística General. Actes*. Universidade de Barcelona, Publicação em CD-Rom
- Correia, Clara Nunes & Maria Henriqueta Costa Campos 2004. Construções com *dar* e *fazer* SN em português europeu. In *Anais do III Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)*, pp. 195-2002
- Culioli, Antoine 1990. *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations*. Tome I. Paris: Ophrys
- Dahl, Östen 1985. *Tense and Aspect systems*. Basil: Blackwell

- Fuchs, Catherine 1994. The challenges of continuity to a linguistic approach to semantics. In Fuchs, C. & B. Victorri 1994 (eds) *Continuity in linguistic semantics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. pp. 93-107
- Harre, Catherine 1991. *Tener + Past Participle. A case study in linguistic description*. London and New York: Routledge
- Haspelmath, Martin 1997. *From space to time: temporal adverbials in the world's languages*. Newcastle, UK: Lincom Europa
- Heine, Bernd, Ulrike Claudi & Friederike Hünemeyer 1991. *Grammaticalization*. Chicago, IL: University of Chicago Press
- Heine, Bernd, & Tania Kuteva 2002. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press
- Herman, József 2000. *Vulgar Latin* (trad. ingl.) University – Park – Pennsylvania, Pennsylvania State University Press.
- Hopper, Paul 1998. Emergent Grammar. In Tomasello, Michael (ed.) *The New Psychology of Language: Cognitive and Functional Approaches to Linguistic Structure*. Englewood Cliffs, NJ: Erlbaum.
- Hopper, Paul 2002. Hendiadys and auxiliation in English. In Bybee, Joan, John Hainam & Michael Noonan (eds.) *Complex Sentences in Grammar and Discourse: a Festschrift for Sandra Thompson*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 147-173
- Hopper, Paul J. & Elizabeth Traugott 1993. *Grammaticalization*. Cambridge (UK): Cambridge University Press
- Hopper, Paul & Elisabeth Traugott 2003. *Grammaticalization*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press
- Jackendoff, Ray 1983 *Semantics and cognition*. Cambridge (Mass.): MIT Press
- Kemmerer, David 2005. The Spatial and temporal meanings of English prepositions can be independently impaired. *Neuropsychologia* 43, pp. 797-806
- Lakoff, George & Mark Johnson 1999. *Philosophy in the flesh*. Chicago: University of Chicago Press
- Langacker, Ronald 1994. The limits of continuity: discreteness in cognitive semantics. In In Fuchs, C. & B. Victorri 1994 (eds) *Continuity in linguistic semantics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, pp. 9-19
- Lehmann, Christian 2002. New Reflections on Grammaticalization and Lexicalization. In Wischer, Ilse & Gabriele Diewald (eds.) *New Reflections on Grammaticalization. Proceedings from the International Symposium on Grammaticalization*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, pp. 1-18
- Lehmann, Christian 2004. Theory and method in grammaticalization. *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 32/2, pp. 152-187
- Loporcaro, Michel 1998 *Sintassi comparata dell'acordo participiale romanzo*. Torino: Rosenberg & Sellier
- Lyons, Christopher 1999. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press
- Marchand, Hans [1960] 1969². *The categories and types of present-day English word-formation*. München: Beck

- Mato, E. M. 2000. *Os tempos compostos no Galego Medieval*. Santiago de Compostela, Universidade, Servicio de Publicacións e Intercambio (Verba, Anuario Galego de Filoloxía. Anexo 46)
- Oliveira, Fátima 2003. Modalidade e modo. In Maria Helena Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 243-272
- Paillard, Denis 2001. Prépositions et rection verbale. *Travaux de linguistique 44, La préposition* (suite). Bruxelles: Duculot, pp. 51-67
- Picoche, Jacqueline 1994. A 'continuous definition' of polysemous items: its basis, resources and limits. In Fuchs, C. & B. Victorri 1994 (eds) *Continuity in linguistic semantics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, pp. 77-92
- Pottier, Bernard 1962. *Systématique des éléments de relation. Etude de morpho-syntaxe structurale romane*. Paris: Klincksieck
- Ribeiro, I. 1996. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In Roberts, I. & M. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, pp. 343-386
- Robert, Stéphane 2003 Polygrammaticalisation, grammaire fractale et propriétés d'échelle. In Robert, Stéphane (ed.) *Perspectives synchroniques sur la grammaticalisation. Polysémie, transcatégorialité et échelles syntaxiques*. Paris: Peeters, pp. 85-120
- Traugott, Elizabeth 2001. Legitimate counterexamples to unidirectionality. Paper presented at Freiburg University, October 17th 2001
- Traugott, Elizabeth 2003 Constructions in grammaticalization. In Joseph, B. D. & R. D. Janda (eds) *The Handbook of Historical Linguistics*, Cambridge USA /Oxford UK: Blackwell, pp. 624-647